

Perfil da utilização de anti-inflamatórios não esteroidais (AINES) em uma Farmácia comunitária do Oeste do Paraná

- Mariana Dalmagro^{a*}
- Radamés José Fritola^b
- Guilherme Donadel^d
- Getulio Capello Tominc^c
- Jaqueline Hoscheid^{a,c}
- Emerson Luiz Botelho Lourenço^{a,c,d}

^a Programa de Mestrado em Biotecnologia Aplicada à Agricultura, Universidade Paranaense - UNIPAR.

^b Curso de Farmácia, Universidade Paranaense - UNIPAR.

^c Programa de Mestrado Profissional em Plantas Medicinais e Fitoterápicos na Atenção Básica, Universidade Paranaense - UNIPAR.

^d Programa de Mestrado e Doutorado em Ciência Animal com Ênfase em Produtos Bioativos, Universidade Paranaense - UNIPAR.

*Autor correspondente: Mariana Dalmagro, Especialista em Farmacologia e Interações Medicamentosas, Praça Mascarenhas de Moraes, 4282 – Centro, Umuarama – PR, 87502-210; mariana.dal@edu.unipar.br.

Data de submissão: 08-04-2022

Data de aceite: 10-05-2022

Data de publicação: 22-06-2022



10.51161/editoraime/105/41



RESUMO

Introdução: Os medicamentos anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) pertencem a uma classe de fármacos amplamente prescritos em todo o mundo, sendo no Brasil, os mais utilizados por automedicação. A automedicação tem se tornado um hábito comum na vida das pessoas, tanto pelo pouco conhecimento dos efeitos colaterais, quanto pelas condições financeiras necessárias para uma consulta médica. No entanto, pacientes desconsideram os riscos de efeitos colaterais devido ao uso incorreto desses medicamentos. **Objetivo:** abordar o perfil de utilização de AINEs, com prescrição, com associação a outros fármacos e sem prescrição médica, em uma farmácia comunitária do Oeste do Paraná. **Metodologia:** A pesquisa foi realizada no período de abril a junho de 2020, onde os indivíduos participantes eram maiores de 18 anos. Os dados foram colhidos no sistema de automação da farmácia. **Resultados:** No período avaliado, 398 pessoas compraram medicamento com receita médica, 150 com receita odontológica, 2000 sem prescrição, e 800 por indicação do balconista da farmácia. Dentre os pacientes com receita, 70% apresentavam associação a outros fármacos. Já aqueles que compraram sem prescrição, 70% não quiseram qualquer orientação farmacêutica e outros 20% aceitaram orientação farmacêutica, porém relataram que não as seguiriam; somente 10% disseram que seguiriam as orientações repassadas. Os principais efeitos colaterais relatados pelos indivíduos foram: náuseas, tonturas, dores no estômago e insônia. **Conclusão:** O farmacêutico possui um papel fundamental na avaliação do paciente, uma vez que ele é o profissional capacitado a dispensar corretamente os medicamentos, e a prestar orientações adequadas sobre o uso consciente e correto.

Palavras-chave: Analgésico; Antitérmico; Automedicação; Farmacêutico; Orientação farmacêutica.

INTRODUÇÃO

A inflamação é um mecanismo de defesa que visa suprimir o motivo inicial da lesão tecidual e seus efeitos, agindo por meio de uma resposta vascular e celular. Mecanicamente, é uma resposta caracterizada por vasodilatação local transitória, permeabilidade capilar aumentada, abundante em infiltração de leucócitos e células fagocíticas (REGINATO; SILVA; BAUERMANN, 2015). Em algumas situações, esta resposta pode ser excessiva, originando efeitos adversos sem nenhum benefício e causar dor, rubor, calor, edema e perda de função, se fazendo necessário o uso de anti-inflamatórios (GERMOLEC *et al.*, 2018).

O efeito inibitório da ciclo-oxigenase (COX) durante a inflamação é necessário para aliviar a dor, para isso são utilizados fármacos inibidores seletivos da COX. A enzima COX é responsável por catalisar o ácido araquidônico (AA) em prostaglandinas (PG) e tromboxanos (DANTAS, 2019). Os medicamentos anti-inflamatórios não esteroides (AINEs) são uma classe de fármacos amplamente prescritos em todo mundo, devido as propriedades anti-inflamatória e analgésica. Agem inibindo a síntese de PG, através da inativação das isoenzimas denominadas ciclo-oxigenases: COX-1 (fisiológica) e COX-2 (induzível). Durante o processo inflamatório, a atuação da enzima COX-1 se eleva em até três vezes e a atuação da COX-2 se eleva até vinte vezes. Recentemente foi isolada uma nova isoforma, a COX-3, encontrada nos tecidos encefálico e cardíaco, porém esta não demonstra qualquer atividade sobre as PG (KAUR *et al.*, 2018).

No Brasil, os AINEs são considerados como a classe de fármacos mais utilizada por automedicação, em razão de contemplar alguns medicamentos isentos de prescrição (MIP), bem como devido as funções analgésica, antitérmica e anti-inflamatória que a classe apresenta, sendo utilizados para tratar os mais variados tipos de dores agudas e crônicas, leves e moderadas, febre alta, e para combater processos inflamatórios (SILVA; DUARTE; RAIMUNDO, 2016).

Outro fator preponderante para a automedicação está relacionado a baixa condição financeira de uma parcela da população, que em muitos casos não tem acesso a uma consulta médica (KO, 2018) e carece de conhecimento sobre os problemas relacionados ao uso indiscriminado e incorreto de AINEs, como por exemplo, reações de hipersensibilidade, interações com outros medicamentos, nefrotoxicidade e elevação da pressão arterial, além de sangramento gástrico, ulceração, disfunção renal e hepatotoxicidade para os anti-inflamatórios não seletivos à COX-2 (BALI; OHRI; DEB, 2012).

Segundo Balbino (2011), a partir do momento em que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) passou a controlar a comercialização de antibacterianos através da RDC 20/2011, pôde-se observar um crescimento no consumo de AINES, sendo o uso na maioria das vezes incorreto. O mesmo autor afirmou que as pessoas estariam substituindo os antibacterianos por anti-inflamatórios na espera de que ambos apresentassem o mesmo efeito terapêutico, sem conhecer os perigos desta atitude.

O farmacêutico é de fundamental importância na orientação ao paciente sobre a real necessidade do uso destes fármacos, a instrução do uso correto, e orientação quanto ao encaminhamento médico quando necessário (OLIVEIRA *et al.*, 2020). Diante do exposto, este estudo analisou o perfil da utilização de AINES por pacientes de uma farmácia comunitária

localizada no Oeste do Paraná, Brasil.

2 METODOLOGIA

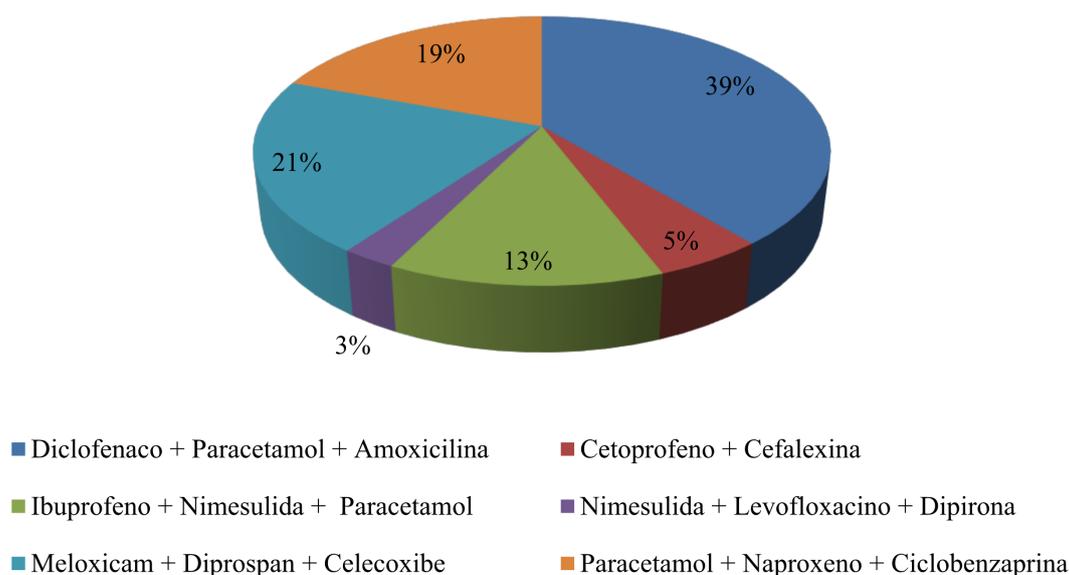
O levantamento de dados foi realizado em uma farmácia comunitária no centro da cidade de Assis Chateaubriand, localizada no oeste do Paraná, Brasil, no período de abril a junho de 2020. Foi relatado a prevalência da venda de AINEs com e sem prescrição, isolado ou associado a outros fármacos.

Os dados foram colhidos mediante análise do relatório diário de vendas emitido pelo sistema de automação da farmácia, e pela observação de vendas e atendimentos realizada pelos funcionários da farmácia. Foram consideradas todas as vendas que continham AINEs realizadas para pacientes maiores de 18 anos, de ambos os sexos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período avaliado, 398 pessoas (12%) compraram medicamento com receita médica, 150 pessoas (4%) com receita odontológica, 2000 pessoas (60%) sem prescrição, e 800 pessoas (24%) por indicação do balconista da farmácia. Assim, nota-se que uma grande taxa de automedicação e indicação por balconistas, que pode estar associada ao fato destes medicamentos se tratar de MIP (SOUSA JUNIOR *et al.*, 2020). Dentre os pacientes que compraram com prescrição médica ou odontológica, 70% apresentaram associação a outros fármacos. As principais associações estão representadas na Figura 1.

Figura 1 – Levantamento de associações medicamentosas observadas em receituários médicos e odontológicos em uma farmácia comunitária do Oeste do Paraná.

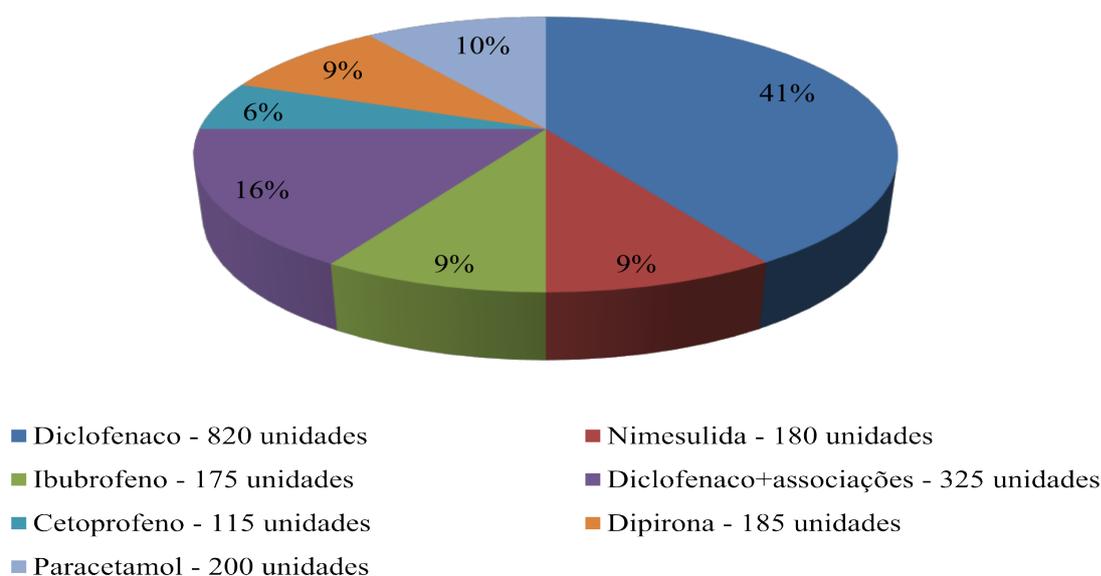


Fonte: Próprio autor.

A associação de Paracetamol à Diclofenaco e Amoxicilina foi observada em 150 receituários, representando 39% do total de associações. A associação entre medicamentos de classes distintas pode causar reações de hipersensibilidade e interações medicamentosas, além de alguns efeitos colaterais como dores de estômago, respiratórios, cardiovasculares, ósseo, hematológicos e problemas renais como a glomerulonefrite, causando acúmulo de ureia ou potássio, e provocando vários danos à saúde. Outro problema seria elevação da pressão arterial e retenção de líquido pelo organismo podendo até causar falência renal (LIMA *et al.*, 2020).

AINES como Cetoprofeno, Ibufrofeno e Naproxeno encontra-se na lista de MIP de 2003 e são encontrados com facilidade em drogarias de todo o Brasil. Tal circunstância é favorável para a automedicação, atitude esta insegura, porém comum entre a população (PINHEIRO; WANNMACHER, 2010).

Conforme observado na Figura 2, dentre os AINES comercializados sem prescrição, o Diclofenaco foi o grande campeão de vendas, seguido do Diclofenaco + associações (Cafeína + Paracetamol + Carisoprodo). Ambos os medicamentos são de venda livre, tarjados e sem retenção de receita, e foram adquiridos principalmente por pacientes que relataram apresentar dor de garganta e dor nas costas (Tabela 1).



Fonte: Próprio autor.

Tabela 1 – Motivos relatados pelos pacientes para a aquisição e utilização de AINES em uma farmácia comunitária do Oeste do Paraná.

Motivo	Medicamento	Número de pacientes	% de pacientes
Dores nas costas	Diclofenaco + associações	880	44
Dor e febre	Dipirona/Paracetamol	628	31
Dores de garganta e no corpo	Nimesulida/Ibufrofeno/Cetoprofeno	410	21
Dor de dente	Paracetamol/Nimesulida/Ibufrofeno	82	4

Fonte: Próprio autor.

Estes resultados corroboram com achados anteriores onde foi relatado que o Diclofenaco, derivado do ácido fenilacético, foi a droga anti-inflamatória mais consumida no Brasil,

usado no tratamento de dores inflamatórias de origem reumática ou não reumática (ISSY; SAKATA, 2009). Efeitos adversos associados ao uso deste fármaco são comuns, 20 a 50% dos pacientes tem náuseas, diarreia, dor epigástrica, sangramento, úlceras ou perfuração da parede intestinal (OGA *et al.*, 2008).

Dipirona e Paracetamol, foram os medicamentos adquiridos principalmente pelos efeitos antitérmico e analgésico. Nimesulida, Ibuprofeno e Cetoprofeno também demonstraram grande consumo, 180, 175 e 115 unidades, respectivamente, os quais foram principalmente utilizados pela população em quadros de dores de garganta e no corpo. Nimesulida é um medicamento inibidor seletivo da COX-2, e tem ação anti-inflamatória, sendo suas principais indicações em inflamações osteoarticulares e musculoesquelético. Porém este fármaco não é indicado para pacientes com distúrbio hepático, disfunção renal grave, distúrbios graves de coagulação, pacientes com úlceras no trato gastrointestinal e lactantes (ARAÚJO *et al.*, 2010).

Já o Ibuprofeno, derivado do ácido propiônico, é indicado para quadros de dor leve e moderada, doenças inflamatórias e reumatismo, febre e dor de cabeça (CLARK *et al.*, 2013). Corroborando com o uso realizado pela população. O efeito tóxico mais comum do Ibuprofeno são distúrbios gastrointestinais, este impacto atinge 30% dos pacientes, sendo caracterizado por sangramento ou ativação da úlcera péptica, além de desconforto gastrointestinal simples (OGA *et al.*, 2008). Em situações de overdose pode haver convulsões, coma, insuficiência renal e parada cardiopulmonar (OLSON, 2013).

Destaca-se aqui uma população que se automedica, sabendo qual medicamento desejam comprar e para qual patologia utilizar, desconsiderando os efeitos adversos do medicamento como, dores de estômago, náuseas, vômito, tontura, entre outros. O próprio paciente está inclinado a esta situação porque busca uma solução rápida para o problema, e porque acredita que o medicamento pode curar todas as doenças, sem considerar que essa atitude irá prejudicar sua saúde. Além disso, ainda há dificuldade de acesso aos serviços de saúde, fator que aliado às propagandas de medicamentos isentos de prescrição, estimula a automedicação (FERREIRA; TERRA JUNIOR, 2018).

Dentre as pessoas que compraram sem prescrição, 70% não quiseram qualquer orientação farmacêutica, outros 20% aceitaram uma orientação sobre o uso correto, efeitos colaterais e interações medicamentosas, porém relataram que não as seguiriam, e somente 10% disseram que seguiriam a orientação.

As pessoas que não aceitaram a orientação farmacêutica alegaram que já sabiam como utilizar corretamente o medicamento e suas interações, muitos estavam com pressa e diziam já estarem acostumados a tomar o medicamento. Aqueles que ouviram a orientação sobre efeitos colaterais, interações, uso correto e associação a outros fármacos, alegaram o consumo dos medicamentos somente na presença de sintomas, e suspensão da utilização após melhora, justificando-se quanto a continuidade do uso.

Observou-se que após conversa com o profissional do estabelecimento farmacêutico, os pacientes que aceitaram orientação farmacêutica, utilizavam os medicamentos em horários errados, ou associações com outros medicamentos sem as devidas precauções, como por exemplo: AINES com anti-hipertensivos e sem proteção gástrica. Assim, muitos relataram efeitos colaterais como náuseas, tonturas, dores no estômago, insônia e perda de apetite.

Os AINES podem interagir com muitas drogas. Estes diminuem o efeito de quase os diuréticos devido ao estímulo à reabsorção de sódio. O impacto é pequeno, mas em alguns casos deve se pausar o uso do anti-inflamatório ou trocar o diurético. Com relação aos corticóides, os AINES podem aumentar o sangramento e úlceras gastrointestinais, pela redução da proteção da mucosa estomacal. Adicionalmente, interagem com Varfarina e drogas antiplaquetárias, potencializando o efeito de anticoagulantes, e aumentam o tempo de protombina em pacientes que usam dicumarínicos (BARROS; BARROS, 2010; ISSY; SAKATA, 2008).

A facilidade de acesso aos MIP também favorece o uso diário da medicação, especificamente nas dores crônicas. No entanto, o uso diário destes anti-inflamatórios pode acarretar em várias complicações como úlceras, sangramento gástrico, gastrite e perfuração intestinal, visto que o mecanismo de ação destes fármacos normalmente está relacionado a inibição da COX1, impedindo os efeitos gastroprotetores (PAZ; RALPH, 2020).

Assim, enfatiza-se o serviço prestado pelo profissional farmacêutico à população, responsável por orientar sobre o uso adequado dos medicamentos tanto prescritos pelo médico ou não, os possíveis efeitos colaterais e toxicidade (SANTOS; BEZERRA; MARTINS, 2020). Ele é o elo entre o médico e o paciente, reduzindo a prática de automedicação, comum na população. Mostra-se um profissional essencial para a terapia medicamentosa adequada e educação dos pacientes para o uso racional de medicamentos, com o objetivo de reduzir a automedicação (VALE, 2018).

4 CONCLUSÃO

Por contemplar alguns medicamentos isentos de prescrição, bem como devido as funções analgésica, antitérmica e anti-inflamatória que apresentam, os medicamentos anti-inflamatórios não esteroides (AINES) são considerados a classe de fármacos mais utilizada por automedicação no Brasil. Devido ao fácil acesso, parte da população costuma utilizar estes medicamentos sem orientação profissional, desconsiderando os possíveis efeitos colaterais.

Verificou-se, no período avaliado, que uma parcela significativa da população faz uso de AINES sem prescrição, e não demonstra interesse em receber orientação farmacêutica, desconsiderando os males causados pelo uso incorreto destes fármacos e das associações medicamentosas. O AINE mais consumido foi o diclofenaco, utilizado principalmente por pacientes que relataram dores de garganta e nas costas. Já a associação mais frequente foi Paracetamol com Diclofenaco e Amoxicilina.

Assim, espera-se por meio deste estudo, conscientizar a população sobre o papel fundamental do farmacêutico na avaliação do paciente antes da compra, uma vez que ele é um dos profissionais capacitados a dispensar corretamente os medicamentos, e a oferecer a orientação adequada sobre seu uso consciente e correto.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. A. C. *et al.* Analgesia preemptiva em cirurgia de terceiros molares inferiores:

análise comparativa entre codaten e a nimesulida, estudo piloto. **Revista de Cirurgia e Traumatologia BucoMaxilo-Facial**, v. 10, n. 1, p. 55-62, 2010.

BALBINO, C. A. Antiinflamatórios: uma compreensão total. **Revista Pharmacia Brasileira**, n. 81, 2011.

BALI, A.; OHRI, R.; DEB, P. K. Estudos de síntese, avaliação e docking de derivados de 3-alcoxi-4-metanossulfonamido acetofenona como agentes anti-inflamatórios não ulcerogênicos. **Revista Europeia de Química Medicinal**, v. 49, p. 397-405, 2012.

BARROS, E.; BARROS, H. M. T. **Riscos do uso indiscriminado de anti-inflamatórios não esteroidais**. Medicamentos na prática clínica. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DANTAS, Kácia Delane Oliveira. PERFIL DE VENDAS DE MEDICAMENTOS ANTIINFLA-MATÓRIOS EM FARMÁCIAS COMUNITÁRIAS NO MUNICÍPIO DE CAICÓ – RN. Orientadora: Maria Emília da Silva Menezes. TCC (Graduação) – Curso de Farmácia, Universidade Federal de Campina Grande, 2019. Disponível em: [Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFCG: Perfil de vendas de medicamentos anti-inflamatórios em farmácias comunitárias no município de Caicó-RN.](#)

FERREIRA, R. L.; TERRA JÚNIOR, A. T. **Estudo sobre a automedicação, o uso irracional de medicamentos e o papel do farmacêutico na sua prevenção**. 2018.

GERMOLEC, D. R. *et al.* Markers of inflammation. **Teste de Imunotoxicidade**, v. 1803, p. 57-79, 2018.

ISSY, A. M.; SAKATA, R. K; **Riscos do uso indiscriminado de anti-inflamatórios não esteroidais**. Fármacos para tratamento da dor; São Paulo: Manole, 2008.

KAUR, A. *et al.* Síntese, avaliação biológica e estudo de docking de derivados de N-(2-(3,4,-5-trimetoxibenzil)benzoxazol-5-il)benzamida como inibidor seletivo de COX-2 e agentes anti-inflamatórios. **Bioorganic Chemistry**, v. 81, p. 191-202, 2018.

KO, Lynkon Tin Yang. A EVOLUÇÃO DO MERCADO DE ANTI-INFLAMATÓRIOS NÃO ESTEROIDAIAS (AINES) E O PAPEL DO FARMACÊUTICO FRENTE À AUTOMEDICAÇÃO. Orientadora: Cristina Northfleet de Albuquerque. TCC (Graduação) – Curso de Farmácia, Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de São Paulo, 2018.

LIMA, C. P. *et al.* Avaliação farmacêutica dos riscos do uso dos anti-inflamatórios não esteroidais. **Unisanta Health Science**, v. 4, n. 1, p. 1-20, 2020.

OGA, S. *et al.* **Fundamentos em Toxicologia**. 3 ed. Atheneu, 2008.

OLIVEIRA, J. C. *et al.* Levantamento dos serviços farmacêuticos oferecidos pelas farmácias e farmácias do Município de Toledo, Estado do Paraná, Brasil. **Pesquisa, Sociedade e De-senvolvimento**, v. 9, n. 9, p. e983998116-e983998116, 2020.

OLSON, K. **Riscos do uso indiscriminado de anti-inflamatórios não esteroidais**. Manual de Toxicologia clínica. 6 ed. Artmed, 2013.

PAZ, A. S.; RALPH, A. C. L. O Papel da Atenção Farmacêutica no uso indiscriminado de An-ti-Inflamatórios não esteroides (AINES). **Revista Expressão Da Estácio**, v. 3, 2020.

PINHEIRO, R. M.; WANNMACHER, L. Uso racional de anti-inflamatórios não esteroides. **Secretaria de Ciência e Tecnologia e Insumos Estratégicos, Ministério da Saúde, organizador. Uso racional de medicamentos: temas selecionados**. Brasília: Editora MS, p. 41-50, 2012.

REGINATO, F. Z.; SILVA, A. R. H.; BAUERMANN, L. F. Avaliação do uso de flavonoides no tratamento da inflamação. **Revista Cubana de Farmácia**, v. 49, n. 3, p. 569-586, 2015.

SANTOS, L. S. S.; BEZERRA, J. C. M.; MARTINS, G. V. F. Atenção farmacêutica na adesão ao tratamento farmacológico de idosos que fazem uso da polifarmácia. **Anais do VII CIEH, Campina Grande: Realize Editora**, 2020.

SILVA, F. A.; DUARTE, H. K. O. S.; RAIMUNDO, R. J. S. E Estudo sobre automedicação no uso de anti-inflamatórios não esteroides na cidade de Valparaíso – Goiás. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, v. 9, n.5, p. 142-153, 2016.

SOUSA JUNIOR, F. G. A. *et al.* Avaliação da prática da automedicação com anti-inflama-tórios não esteroidais em uma Instituição de Ensino Superior. **Referências em Saúde da Faculdade Estácio de Sá de Goiás-RRS-FESGO**, v. 3, n. 2, 2020.

VALE, B. N. As responsabilidades do farmacêutico na prescrição farmacêutica. **Revista Ce-reus**, v. 10, n. 3, p. 179-201, 2018.